

S. JOÃO EVANGELISTA

Sobre o tempo, talhado rude na madeira
sobrou das perdidas figuras.
Longilíneo recorda dorido doce esquite.
Cabeça inclinada
onde repousa (e não se vê) o corpo que foi
do mestre
soerguido
nos braços da mãe da sua qualidade humana (e não se
vê) no modo como guarda sombra de vida
acento sem remédio, árdua paz do pranto.

Ficou a face sobre a
afilada mão direita. Poalha de ouro extrai do abandono
e da perda visão do calvário
férreas portas seladas. De pé, João,
nas sete dobras do manto, guarda a poeira de
irascíveis trombetas entre românicas peninsulares
canções ouve
a exclusiva duração do amor. Assim ficou talhado —
pena intacta no limite da soberana tristeza.

BAPTISMO DE CRISTO

Desceu no rio. A água escorre por entre os dedos
de Baptista sobre a sua cabeça. Assiste o anjo.
Imersos na água do Jordão.

Onde reúnem essas águas?
Diz-me, antes do sepulcro
no mar Morto.
As minhas águas são o hebraico
vagar. No oásis houve leões
ao tempo de Jeremias. As
andorinhas rasam a areia das
margens.

Van der Weyden, Quentin Metsys, algum discípulo lhes deu cor,
o gesto
a mão esquerda de Jesus
quando segura a faixa
anuncia o bosque adormecido do sexo.
Mão pesada, não do artista mas de madre de convento
seiscentista desfez o bordado e levou mais acima
o fio de seda.
Redesenhou o braço de Cristo.

Inscrito desde então o movimento
a mão descreve desde o sexo
para nele sempre pousar o seu regresso
descanso, conjugado prazer e amor próprio. Sobre
a consolação madrugadora do rio
irrompem fetos, açucenas. Segura o anjo
grosso manto, vai vestir Jesus ao sair das águas.
Bronze de música e de silêncio.

/Séc. xvi, 1.º terço/

RETRATO DE D. JOÃO I

Hoje é mau dia meu rei. Languesceram pelos séculos
a beleza e o ataque dos fossos
ramos cobertos a espaços
no corte do terreno — a batalha começou à pedrada.
Terminou nos mares do mundo.

Os olhos, pequenos e míopes no retrato, partiram do
areeiro e do rumor do combate
numa barca a que medusas deram lastro aos
termos da lonjura.

Heróis e semi-deuses descobriram
da terra a líquida imensidade
e o enredo da gente.
O teu rosto de rei eleito ficou escrito
por flamenga mão ou da Toscânia arte
não sabemos e na estreita tábua do reino ficou espelhado
o domínio.

/Mestre desconhecido, c. 1435/

A PAIXÃO

Muitos tinham a chave desse jardim cercado
das oliveiras. Caiu no lugar mais agreste
sobre o rosto. Iniquidade, tormenta, o
enleio branco da morte rodearam-no.
Na turbação das vides bravas. Vagueava
no deserto dos sem pátria
sob ventos. Longe
a cidade
também ele seguiu estrelas que segavam o seu brilho
em poço seco. Entrou pelo jardim
de espinhos do valado. Sofreu o lamento do tempo
passado, presente, todo o tempo futuro.

Chegaram homens com voz
de prisão. Nenhum amigo restara.
Suor repassava o vestido. Oblongos dinheiros furados
enfiaram numa espécie de cadeia — o preço do sangue
que no templo não podiam oferecer.
Eram os archeiros de bárbara dureza, baixos,
pele trigueira avermelhada. Amarraram-lhe as
mãos sobre o peito, cordas novas
e seguiam sobre a lama do caminho rude
pedras, cardos, cardos e espinhos.

A cidade, as barracas estão sepultas no sono. À luz
dos archotes sobem as ruas sombrias daquela hora, rio
de fogo e furor. «Quem vem lá?»
Erram pelos vales que cercam Jerusalém. Os archotes
rodam em Sião. Brilha a cidade alta; os cordeiros
que vão ser imolados. Diante do tosquiador
permanece o anho. «Quem te enviou?»
«Por que me feris?»

Era um homem. O que queria dizer
forma sobre a qual se empregam os sentidos
e não somente palavras e abstracções. Também por isso
merece a morte; vaso de água fétida lhe lançaram.
«Somos a carne de cada um tão próximos
invoca-nos
o sangue e a imagem que está na água do teu sangue.»

Aquele que guardava a melhor parte do seu coração
os sinais imprimiu na pedra e o assassino pousou a mão
sobre a ferida, a vítima
saudava o dia último a luz do sacrifício —
«Eu o sou».
Desceram de Sião à parte da cidade onde ficava o palácio
— «Ele vai levado a Pilatos.»
Apertou as trinta moedas de prata, arremessou-as no chão
do templo, fora da cidade fugia errante pelo vale e
na árvore que estende os ramos sobre o fosso deu
as entranhas; o milhano negro disputou-o com os ratos pelo pântano.

A cadeia de ferro, a corda à cintura
os frecheiros o arrastavam. Pisado rosto — lançavam-lhe
pedras adiante, paus, farrapos sujos — um colar
seco de abelhas mortas e sem encanto.
«Saudai o rei que vai à coroação.»
No elevado palácio
ergue-se no fórum a coluna
a que foi preso e flagelado
— o futuro está presente. Lugares esquecidos não-de ser
pagos com rigor: uma bilha de azeite, um saco de favas
mínimas moedas não restituídas, o deserto castelo de David
segundo o nosso modo de contar «Que coisa é a verdade?»
Em todos os sítios onde caíra, em silêncio, paravam os
passos. Permanecia a espada penetrante vivia dentro de